

## I

Nos tempos a que podemos chamar pré-científicos os homens não tiveram dificuldades em explicar os sonhos. Quando os recordavam ao despertar encaravam-nos como uma manifestação quer favorável quer hostil de poderes superiores, demoníacos ou divinos. Com o surgimento do modo de pensamento científico, toda essa mitologia, rica de múltiplos sentidos, se converteu em psicologia e hoje apenas uma ínfima minoria de pessoas instruídas tem dúvidas de que o sonho seja o *próprio material psíquico* da-quele que sonha.

A partir da rejeição da hipótese mitológica, contudo, tornou-se necessário explicar os sonhos. As condições da sua origem, a sua relação com a vida mental no estado de vigília, a sua dependência dos estímulos que se impõem à percepção durante o estado de sono, as muitas peculiaridades do seu conteúdo que chocam o pensamento desperto, a incoerência entre as suas representações e os afectos com elas relacionados, finalmente o seu carácter fugaz, a maneira pela qual o pensamento desperto os descarta como algo estranho a si e os mutila ou apaga da memória — todos estes e ainda outros problemas exigem, há muitos séculos, soluções que até hoje não foram apresentadas satisfatoria-

mente. Mas no primeiro plano deste interesse encontra-se a questão do *significado* dos sonhos, questão que encerra um duplo sentido. Em primeiro lugar, ela interroga sobre o significado psíquico do sonho, sobre a sua posição relativamente a outros processos psíquicos e sobre uma eventual função biológica que ele possa ter; em segundo lugar, ela procura descobrir se o sonho é *interpretável*, se o conteúdo de cada sonho individual possui um «*sentido*», tal como estamos acostumados a encontrar noutras composições psíquicas.

Na apreciação dos sonhos podem ser identificadas três direcções. Uma delas, que conservou, por assim dizer, o eco da antiga sobrevalorização dos sonhos, encontra a sua expressão nos trabalhos de alguns filósofos. Estes consideram que a base da vida onírica é um estado peculiar de actividade psíquica, estado esse que chegam mesmo a celebrar como uma elevação a um nível superior. É este o parecer de Schubert, por exemplo, segundo o qual os sonhos seriam uma libertação, por parte do espírito, do domínio da natureza externa e uma libertação da alma das amarras dos sentidos. Outros pensadores não vão tão longe, mas defendem que os sonhos têm essencialmente origem em estímulos psíquicos e apresentam manifestações psíquicas que foram impedidas de se expandir livremente durante o dia (a fantasia onírica — Scherner, Volkert). Um grande número de observadores atribui à vida onírica uma capacidade de funcionamento superior<sup>1</sup>, pelo menos em certos domínios (memória).

Em flagrante contraste com esta posição, a maioria dos autores médicos adopta um ponto de vista segundo o qual dificilmente poderia ser atribuído ao sonho o valor de um fenómeno psíquico. Segundo estes, os únicos indutores do

<sup>1</sup> *Überleistung*

sonho são os estímulos sensoriais e somáticos que ou atingem a pessoa adormecida a partir do exterior ou se manifestam acidentalmente nos seus órgãos internos. O que é sonhado não pode reivindicar mais sentido<sup>2</sup> e significado<sup>3</sup> do que, por exemplo, a série de sons que seriam produzidos se os dez dedos de um indivíduo completamente ignorante em música percorressem as teclas de um instrumento. O sonho é descrito como nada mais que «um processo somático, em todos os casos inútil e, em muitos casos, patológico» (Binz<sup>4</sup>). Todas as particularidades da vida onírica se explicam a partir da actividade desconexa de órgãos separados ou grupos de células num cérebro, de resto adormecido, actividade essa que lhes é imposta por estímulos fisiológicos.

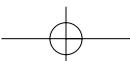
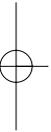
Pouco influenciada por este juízo da ciência e pouco preocupada com as origens dos sonhos, a opinião popular parece persistir na crença segundo a qual os sonhos possuem, apesar de tudo, um sentido que está relacionado com a previsão do futuro e que por algum processo de interpretação pode permitir conhecer o seu conteúdo, muitas vezes confuso e enigmático. Os métodos de interpretação empregados neste caso consistem em substituir o conteúdo do sonho tal como é recordado, quer por outro conteúdo, fragmento por fragmento, *segundo uma chave já existente*, quer substituindo a totalidade do sonho por uma outra totalidade, com a qual mantém a relação de um símbolo. Tais esforços fazem sorrir as pessoas sérias: «*Träume sind Schäume*»<sup>5</sup>.

<sup>2</sup> *Sinn*

<sup>3</sup> *Bedeutung*

<sup>4</sup> Binz, C., *Über den Traum*, Bonn, 1878.

<sup>5</sup> A expressão significa literalmente «os sonhos são espuma». Na tradução perde-se a homofonia da frase original em alemão.



## II

Para minha grande surpresa, descobri certo dia que a concepção não médica do sonho, a concepção popular, aquela que está semiprisioneira da superstição, é a que mais se aproxima da verdade. Com efeito, eu chegara a novas conclusões sobre os sonhos ao aplicar-lhes um novo método de investigação psicológica que me prestara bons serviços na solução<sup>6</sup> para as fobias, as ideias obsessivas<sup>7</sup>, os delírios<sup>8</sup>, etc. e que, desde então, encontrou aceitação por toda uma escola de investigadores, sob o nome de «psicanálise». As diferentes analogias entre a vida onírica e os mais diversos estados da doença psíquica observados no estado de vigília foram correctamente observadas por muitos investigadores médicos. Parecia, pois, haver boas razões para esperar que um método de investigação que dera resultados satisfatórios no caso dos quadros psicopatológicos fosse também aplicado à explicação dos sonhos. As ideias ansiosas<sup>9</sup> e obsessivas são tão estranhas à consciên-

<sup>6</sup> *Lösung*

<sup>7</sup> *Zwangideen*

<sup>8</sup> *Wahnideen*

<sup>9</sup> *Angstideen*